

APENAS R\$ 39,90/mês

ASSINE A OESTE

PUBLICIDADE

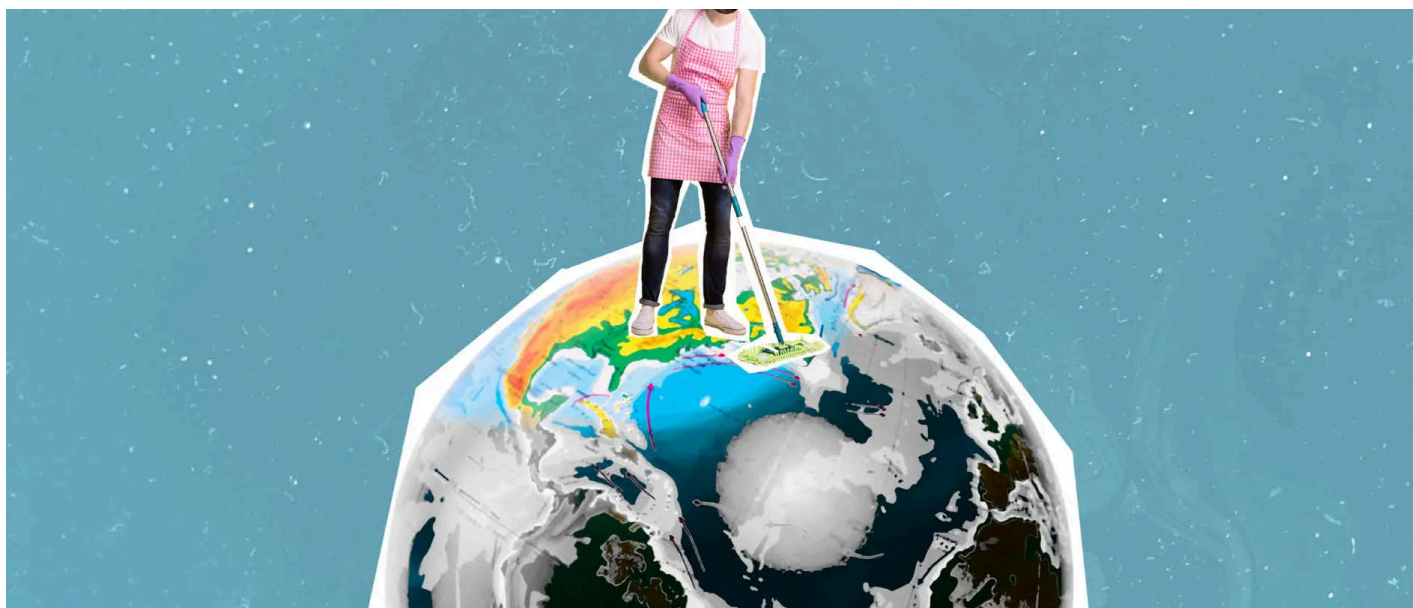


Ilustração: Roman Samborski/Shutterstock

| EDIÇÃO 263

Quem se preocupa com o clima na COP30?

O risco do tema climático deixar de ser prioridade mundial é real — países pobres não aceitarão dividir seus recursos com outras entidades



EVARISTO DE MIRANDA - 04 ABR 2025

 a A⁺

ouça este conteúdo



0:00 1.0x

Em seis meses acontecerá a COP30, em Belém. A história das Conferências das Partes (COPs) da **Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (UNFCCC)** é um emaranhado de reuniões, textos, acordos e praticamente nenhum resultado concreto e significativo. São 30 anos de viagens e encontros pelo planeta, poucos entendimentos e muitos gastos. Apesar das promessas e expectativas anuais aos

A terceira COP, ou COP3, ocorreu no Japão, em 1997. Ali, foi adotado o **Protocolo de Kyoto**. Ele entrou em vigor em 2005, com metas de redução de gases de efeito estufa para países desenvolvidos: -5,2% das emissões de 1990. Japão, EUA e União Europeia assumiram compromissos maiores. Os países em desenvolvimento receberiam apoio tecnológico e financeiro para redução de emissões. O Brasil ratificou-o em 2002 (**Decreto Legislativo nº 144**). Os EUA não ratificaram e se retiraram em 2001.

Os compromissos não foram cumpridos. Cada país negociou a sua própria meta de redução de emissões, em função de sua visão sobre a capacidade de atingi-la no período considerado. Os incentivos aos países pobres foram insignificantes. Diante do fracasso, já na **COP13**, se propôs rever o tema. O protocolo terminou enterrado, 18 anos depois de sua adoção. Um grande fiasco, um compêndio de viagens, muitos recursos a ONGs, surgimento do ambientalismo político e de muitos negócios de “base climática”.



A COP é a sigla para a Conferência das Partes, uma reunião anual criada pela ONU | Foto: Divulgação

A COP21 foi realizada em Paris, em 2015. Nela, chegou-se a um acordo histórico **lo de Paris**. Pela primeira vez mobilizaram-se quase todos os países para metas de redução das emissões de carbono. O Acordo de Paris valeria a partir de 2020 e obrigaria todas as nações — e não apenas países ricos — no combate às mudanças climáticas. Os membros da Convenção do Clima ratificaram o documento.

Sobre o financiamento das ações para o sucesso do acordo, os países desenvolvidos bancariam US\$ 100 bilhões ao ano em programas de mitigação e adaptação às mudanças do

nada, além do assédio pelo aumento de metas de descarbonização sem a contrapartida para tamanho esforço.

A **COP29** aconteceu em Baku, em 2024. Foi a terceira COP seguida em um país produtor de petróleo. Praticamente sem eventos paralelos. Não houve espaço para Gretas e outras pirotecnias verdes. Quem tentasse teria sido preso, como foram os ambientalistas locais (**Revista Oeste, edição 245**). Ela logrou um acordo sobre a necessidade da entrada em vigor dos mercados de *offset* de créditos de carbono entre entes privados e governos, previstos no **artigo 6 do Acordo de Paris**. Suas regras de funcionamento deveriam ser negociadas antes da COP30 de Belém. Isso ainda não ocorreu.



Mineração de petróleo | Foto: Reprodução/Wirestock/Freepik

A **COP29 defendeu o petróleo e o gás**, “presentes de Deus”, e deixou de aprovar metas para sua redução e substituição por energias renováveis. E, *in extremis*, aprovou uma meta financeira de **US\$ 300 bilhões anuais até 2035** para os países pobres lidarem com as mudanças climáticas, valor considerado insuficiente. As fontes de recursos seriam detalhadas antes da COP de Belém. Não serão! Pior, o principal potencial doador, os EUA, **abandonaram o Acordo de Paris**.

Esse abandono ocorre de modo muito diferente da primeira saída dos EUA do Acordo de Paris, no primeiro mandato de Donald Trump. Na ocasião, a retirada foi pacífica, em um texto internacional de agendas dos EUA. Em seguida, o governo Biden retomou a agenda climática como prioritária e levou-a a um nível de urgência planetária, em sintonia com a agenda globalista mundial, conjugada a um ambicioso programa doméstico com farta distribuição de recursos, pressões políticas de seu partido, articulações e amplos interesses. Ele abandonou os combustíveis fósseis por um ambicioso programa verde, com mobilização de recursos sem precedentes. Juntou-se à grande “concertação” globalista ambiental, envolvendo ONGs, a ONU e seus organismos multilaterais, o Fórum Econômico Mundial e as COPs. Bancos

Agora, esta segunda saída dos EUA do Acordo de Paris ocorre com muito mais determinação, com objetivos e estratégias para encerrar a agenda climática verde e suas imposições. Além de iniciar a retirada do Acordo de Paris, a Ordem Executiva “**Colocando a América em Primeiro Lugar nos Acordos Ambientais Internacionais**” limita as contribuições financeiras dos Estados Unidos a outros países para combater as mudanças climáticas. Muitas certezas foram abaladas, incluindo apostas e perspectivas de “negócios climáticos” na vitória da candidata democrata **Kamala Harris**.

A investigação da nova administração evidenciou favorecimentos e grandes desvios em ações e programas da agenda verde do governo Biden. Identificaram-se até repasses da ordem de US\$ 350 bilhões, entre a eleição e a posse, para ONGs, USAID, Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (EPA), organismos multilaterais etc., com objetivos político-ideológicos. Há denúncias de corrupção, favorecimento a empresas e ONGs ligadas a expoentes do Partido Democrata, inclusive de um ex-presidente. Vem mais novidade por aí. *Affaire à suivre*.



Donald Trump | Foto: Reprodução/Flickr

Antes mesmo da eleição norte-americana, já havia um exaurimento da agenda políticas *woke* e ESG por bancos, multinacionais e governos recém-eleitos. Esse recuo tem sido intenso e crescente, após a eleição de Donald Trump. Nesse novo cenário de abandono da governança climática, até o globalista Bill Gates desembarcou de seus compromissos climáticos: a sua **Breakthrough Energy** demitiu dezenas de funcionários nos EUA e todo o seu time na Europa. O EUA retomaram a indústria de combustíveis fósseis (“**Reshaping US Energy With Focus on Oil and Gas**”). Sem recursos dos EUA para o Acordo de Paris, sobraria à União Europeia o ônus de assumir os compromissos financeiros de Baku, da COP29.

de seu mercado de carbono, considerado “**escândalo ecológico**”, a **crise energética com a Rússia** e a reativação do carvão mineral comprometeram metas ambientais. O enfrentamento com os agricultores é grande. Em Bruxelas, os recuos na **política Farm to Fork** são constantes, diante dos excessos de burocracia e imposições ambientais. Até companhias aéreas pedem à Europa para **recuar nas metas climáticas**. Nas mais recentes eleições, os vencedores fazem oposição **ao Pacto Verde e à agenda globalista**. E o novo reposicionamento dos EUA na Ucrânia e na Otan impõe esforços urgentes no **aumento dos gastos europeus** com defesa: cerca de 900 bilhões de euros.

Belém deveria ser, enfim, a COP da concretização do repasse e da ajuda financeira dos países ricos aos pobres para apoiá-los em sua transição energética e no enfrentamento das mudanças climáticas. Com a saída dos EUA, a dificuldade do Brasil de organizar a COP30 foi ampliada, e ainda não há alternativa adequada no horizonte.

A **primeira carta do presidente da COP30**, o embaixador André Lago, foi publicada em 10 de março. Um compêndio sobre coisas intangíveis. Ela ilustra, *sans aveu*, a perplexidade dos dirigentes da UNFCCC e do próprio secretário-geral da ONU, António Guterres, com o vigor do questionamento do multilateralismo e do Acordo de Paris pelos EUA e a perda do principal financiador. É enorme o desafio colocado ao Itamaraty.

A carta do embaixador retoma a palavra mágica “*ambitious*”, para buscar metas mais ambiciosas, tão presente em documentos sobre o evento e em artigos publicados aqui e em COPs precedentes. Como se ambição fosse sinônimo de liderança, quando a maior liderança global está do lado oposto. Nessa linha heterodoxa, sem abordar a realidade e o desafio central ensejados pela saída dos EUA, a carta lança a ideia do mutirão ambiental climático, de ações conjuntas da sociedade, com a pobreza.

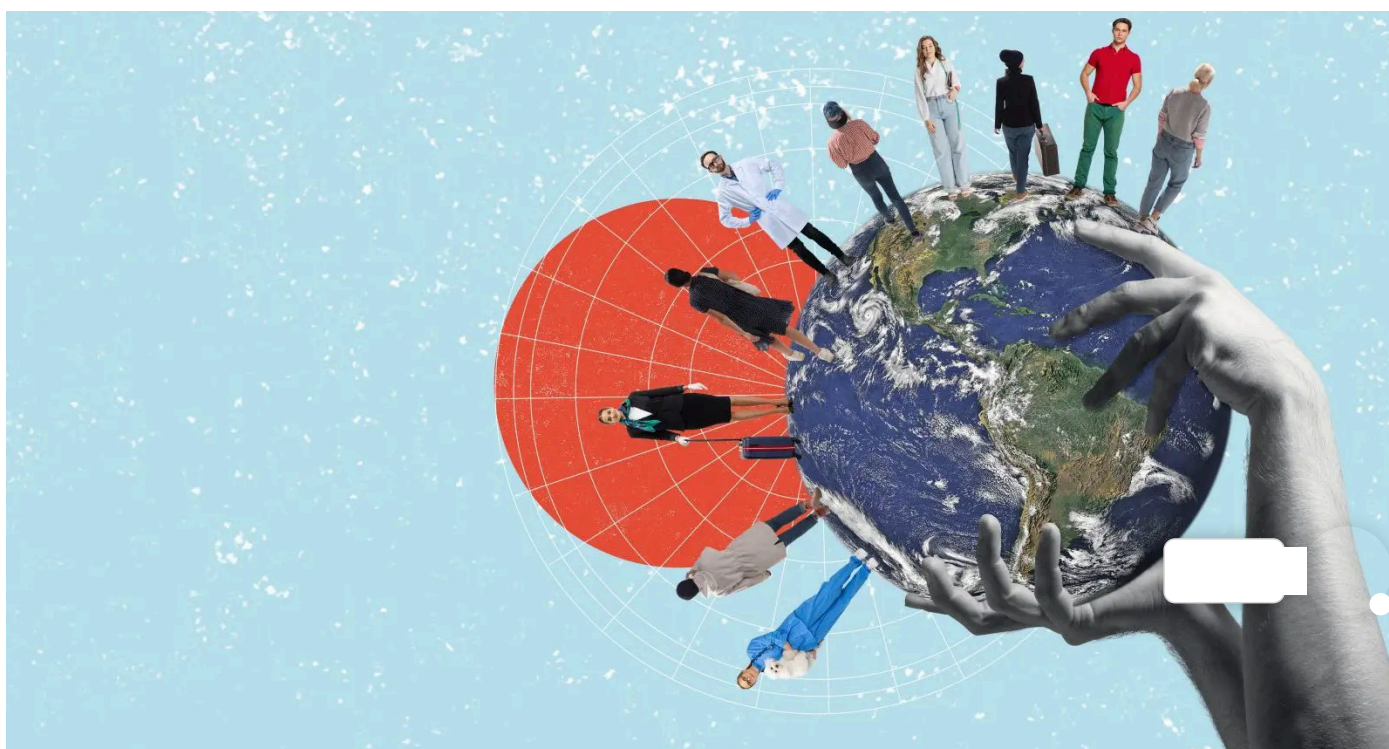


Foto: Shutterstock

espécie de inversão total da proposta inicial de Kyoto, os mais pobres se sacrificando pelos mais ricos. *Business as usual?* “Como anfitrião da COP30, o Brasil precisa apresentar uma NDC [*contribuição nacionalmente determinada*] ambiciosa!” Qual foi a ambição da nova NDC da União Europeia e da China? A dos EUA virou pó. Só aí estão cerca de 60% das emissões planetárias. E seguirão aumentando.

“A COP30 é uma oportunidade histórica para o Brasil mostrar liderança climática com restauração florestal, biocombustíveis, energias renováveis, agropecuária de baixo carbono etc.” Mostrar a quem? Esses dados positivos não se conectam com a dimensão mundial dos problemas de financiamento da COP30. São um devaneio diante da situação fiscal do país e da falta de recursos internacionais até para os africanos e povos da Oceania. Aliás, eles já praticam agricultura de baixíssimo carbono e baixíssima produtividade.

O risco do tema climático deixar de ser prioridade mundial é real. Nem com mutirão os países pobres aceitarão dividir os poucos recursos com outras entidades. A esperança de boa parte dos estados e empresas dos EUA “[seguirem no Acordo](#)” é uma bobagem da carochinha. Os negociadores são os países. A realidade escancarada da COP30 é a crise de sua ausência de financiamento. Volta-se a 30 anos atrás.

Como no setor público, boa parte do privado, inclusive do agro, prepara estruacionideamente sua participação na COP30. Ignora as consequências da retirada dos EUA do Acordo de Paris e os desafios europeus com sua própria sobrevivência. Eles falarão para si mesmos, enquanto cresce o distanciamento da agenda climática por parte de países, empresas, bancos, instituições etc. Na úmida Belém, a desidratada COP do financiamento da transição será, talvez e apenas, uma COP da Amazônia, ou da floresta, ou de seus povos originários ou imaginários, com pitadas coloridas de alegorias locais para tentar ofuscar a realidade. Dá até para conseguir um troco para a floresta. Esquece o planeta, a China e as ilhas do Pacífico. Evoé!

Leia também [“Quaresma na agropecuária. Húbris no Judiciário”](#)

Usaid COP30 Clima ONGs Belém Donald Trump

Gostei 4

Não Gostei 0



Nenhum comentário para este artigo, seja o primeiro.

Anterior:

Deitado eternamente em terras raras

Próximo:

Racionalistas, Zizianos e outros gnósticos modernos

Newsletter

Seja o primeiro a saber sobre notícias, acontecimentos e eventos semanais no seu e-mail.



